

Israel vota pelo apartheid

Nas eleições de terça-feira haverá um resultado certo: cerca de 100 membros do próximo Knesset serão apoiantes do apartheid. Isto não tem precedentes em nenhuma democracia. Com dos 120 legisladores, uma maioria absoluta que apoia a manutenção da situação actual, que é o apartheid.

Com uma tal maioria, será possível, no próximo Knesset, declarar oficialmente Israel como Estado do apartheid. Com este apoio ao apartheid e tendo em conta o tempo que a ocupação demorou, nenhuma propaganda conseguirá refutar a simples verdade: quase todos os israelitas querem que o apartheid continue. No auge da sua ousadia, chamam-lhe democracia, apesar de mais de quatro milhões de pessoas que vivem ao seu lado e sob o seu controle não terem o direito de votar nas eleições.

É claro que ninguém fala disto, mas em nenhum outro regime do mundo existe uma comunidade que viva lado a lado, onde os residentes de um deles, habitantes de uma povoação na Cisjordânia, tenham direito de voto, enquanto os residentes do outro, um povo palestiniiano, não têm direito de voto. Este é o apartheid em todo o seu esplendor, cuja existência quase todos os cidadãos judeus do país querem continuar.

Uma centena de membros do Knesset serão eleitos a partir de listas chamadas direita, esquerda ou centro, mas o que eles têm em comum faz toda a diferença: ninguém pretende terminar a ocupação. A ala direita diz isso com orgulho, enquanto a centro-esquerda recorre a ilusões inúteis para esconder a imagem, listando propostas para uma “conferência regional” ou uma “separação segura”. A diferença entre os dois grupos é insignificante. Em uníssonos, direita e esquerda cantam “Say yes to apartheid”.

Como resultado, esta escolha não é tão importante, longe de

ser crucial. Então vamos cortar a histeria e o patetismo sobre o resultado. Nem a guerra civil nem uma ruptura estão à vista. As pessoas estão mais unidas do que nunca, votando no apartheid. Quaisquer que sejam os resultados de terça-feira, o país do ocupante permanecerá o país do ocupante. Nada o define melhor do que todas as outras questões marginais, incluindo a campanha do partido Zehut para legalizar a maconha.

Então não há razão para segurar a respiração antes dos resultados de terça-feira. As eleições estão perdidas de antemão. Para os judeus do país, será a confirmação, a nível da democracia, do Estado de direito, da corrupção em que vivem, mas nada fará para alterar a essência básica de Israel enquanto país colonialista.

A extrema-direita quer a anexação da Cisjordânia, um passo que tornaria permanente perante a lei uma situação que há muito é permanente na prática. Tal passo apresentaria uma vantagem tentadora. A máscara de democracia de Israel acabaria por cair e poderia eventualmente gerar oposição tanto a nível interno como externo.

Mas nenhuma pessoa de consciência pode votar pela direita fascista, que abriga pessoas que defendem a expulsão dos palestinos ou a construção de um terceiro templo no Monte do Templo, a destruição de mesquitas ali, ou mesmo aqueles que sonham com o extermínio. O partido Likud do Primeiro-Ministro Benjamin Netanyahu, supostamente mais moderado, pretende apenas manter a situação atual, nomeadamente o apartheid não declarado.

O centro-esquerda procura se envolver no engano, sem uma palavra sobre o fim da ocupação de Kahol Lavan ou do Trabalhismo, nem sobre o levantamento do bloqueio à Faixa de Gaza. O partido de Benny Gantz tem planos ambiciosos para uma conferência regional, fazendo história e “aprofundando o processo de separação dos palestinos, mantendo sem concessões... a liberdade de ação do exército israelense em todos os

lugares”.

Há muito tempo que não se escrevia um documento deste tipo que abranda a ocupação em toda sua desgraça. E o Partido Trabalhista não está atrasado. O passo mais corajoso que propõe é um referendo sobre os campos de refugiados ao redor de Jerusalém, no qual, evidentemente, só Israel votaria.

E a isso se somam declarações gastas sobre os blocos de assentamento, Jerusalém, o Vale do Jordão e a cessação da construção de assentamentos fora dos blocos, o que significa que a construção de assentamentos continuará em força total. “Estradas para a Separação”, o chama este partido, o fundador da companhia de assentamentos. Caminhos para a decepção.

Paz? Retirada? Desmantelar os assentamentos? Não faça os sionistas rirem. Não resta muito, duas listas e meia, marginais: Meretz e Hadash-Ta'al, que apoiam uma solução de dois Estados – o comboio vacilante que já deixou a estação – e a Lista Árabe Unificada de Balad, que é a mais próxima e defende uma solução de um Estado, a única solução esquecida.

Vote apartheid.

Original: Haaretz